



**PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Tuesday 20 November 2001 (afternoon)  
Mardi 20 novembre 2001 (après-midi)  
Martes 20 de noviembre de 2001 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d'y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

*Escolha a Secção A ou a Secção B.*

### **SECÇÃO A**

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

#### **Texto 1 (a)**

##### **A Rosa de Hiroshima**

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexactas  
5 Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nos feridos  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
10 Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa radioactiva  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
15 A anti-rosa atómica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

Venícius de Moraes, *Antologia Poética*, 1983, Brasil.

**Texto 1 (b)**

**Rosas vermelhas**

Nasci em Maio, o mês das rosas, diz-se. Talvez por isso eu fiz da rosa a minha flor, um símbolo, uma espécie de bandeira para mim mesmo.

5 E todos os anos quando chegava ao mês de Maio, ou mais exactamente, no dia doze de Maio, às dez e um quarto da manhã (que foi a hora em que eu nasci), a minha mãe abria a porta do meu quarto, acordava-me com um beijo e colocava numa jarra um ramo de rosas vermelhas, sem palavras. Só as suas mãos compondo as rosas, oficiavam nesse estranho silêncio cheio de ritos e de ternura.

10 Nesse tempo o sol nascia exactamente no meu quarto. Eu abria a janela. Em frente era o largo, a velha árvore do largo dos ciganos. Quando chegava o mês de Maio, eu abria a janela e ficava bêbado desse cheiro a fogueiras, carroças e ciganos. E respirava o ar de todas as viagens, da minha janela, capital do mundo, debruçado sobre o largo onde começavam todos os caminhos.

15 E tudo estava certo nesse tempo, ou pelo menos nada tinha o sabor do irremediável. E eu dormia poisado sobre a eternidade, como se tudo estivesse certo para sempre, eu dormia com muitos olhos, muitos gestos vigilantes sobre o meu sono. Por vezes tinha pesadelos, acordava, inquieto, a meio da noite, qualquer coisa parecia querer despedaçar-se e então eu chamava:

– Mãe!

e logo essa voz, tão calma, entrava dentro de mim, mandava embora os fantasmas, e era de novo o meu quarto, a doce quentura da minha casa no cimo da ternura.

20 Não havia polícia política nesse tempo. Ninguém roubaria a tranquilidade do meu sono, ninguém viria a meio da noite para me levar, porque bastava eu chamar:

– Mãe!

25 e logo uma voz calma mandava embora os fantasmas. E era a paz nesse tempo, em que todos os anos, quando chegava o mês de Maio, ou mais exactamente, o dia doze de Maio, às dez e um quarto da manhã, a minha mãe abria a porta do meu quarto e colocava, religiosamente, um ramo de rosas vermelhas sobre a minha vida, nesse tempo em que dormir, acordar, nascer, crescer, viver, morrer eram um rito no rito das estações.

30 Em Maio de 1963 eu estava na cadeia, eu era um preso político. Por vezes, a meio da noite um grito abalava as traves da minha cabeça, direi mesmo da minha vida, e eu acordava suando, dolorido como se um rato (talvez o medo) me roesse o estômago. E era inútil chamar. Onde ficara a ternura? Onde ficara a minha vida?

Manuel Alegre, *Praça da Canção*, 1980, Portugal.

## SECÇÃO B

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicarem os seus propósitos.*

### Texto 2 (a)

S.O.S

O mundo inteiro está sozinho. Cada pessoa vive isolada no meio de multidões. As multidões são formadas por indivíduos, por numerosíssimos indivíduos isolados uns dos outros.

As palavras caem perdidas no chão.

- 5 Sozinhos todos. Ninguém se entende. A humanidade inteira está reduzida à solidão de cada um dos seus indivíduos.

O mundo inteiro está dividido em tantos mundozinhos individuais, pequeníssimos, microscópicos, quanto são os seus habitantes.

- 10 Mas aquele mundo da colaboração de todos, o único mundo real afinal de contas, esse, já não existe. Veio cada qual roubar-lhe o seu pedacito e o mundo ficou feito em migalhas, reduzido a grãos de areia, pó, nada!

Vós, indivíduos das cidades, e dos campos, vós, indivíduos de todas as partes e que fazeis parte de todas as multidões, respondei todos por um:

Com quem comunicas tu?

- 15 Não te perguntamos com quem tratas todos os dias, nem com quem falas, nem com quem vives, nem com quem dormes. Perguntamos-te unicamente: com quem te entendes!

Com ninguém!

Estás tão sozinho no meio de toda a gente ou ainda mais do que se não houvesse no mundo mais ninguém do que tu.

- 20 S.O.S. perdidos, desconstrados, sozinhos! S.O.S. estamos todos desconstrados, estamos todos sozinhos, perdidos todos! S.O.S. sozinhos! S.O.S. desconstrados! S.O.S. perdidos! S.O.S. sós! S.O.S.

S.O.S. é o sinal internacional de telegrafia a pedir socorro. Está formado pelas três iniciais da frase inglesa “Save Our Souls” que quer dizer em português: “Salvai Nossas Almas” Estas

- 25 três letras S.O.S. são as mesmas com que se escreve em português o plural de indivíduo isolado: Sós.

José de Almada Negreiros, *Obras Completas*, vol.6,  
(Adapt.) 1972, Portugal.

**Texto 2 (b)**

**Derrotar a solidão**

Mal nos conhecemos  
Inaugurámos a palavra amigo!

‘Amigo’ é um sorriso  
De boca em boca,  
5 Um olhar bem limpo,  
Uma casa, mesmo modesta que se oferece.  
Um coração pronto a pulsar  
Na nossa mão.

‘Amigo’ (recordam-se, vocês aí,  
10 Escrupulosos detritos?)  
‘Amigo’ é o contrário de inimigo!  
‘Amigo’ é o erro corrigido,  
Não o erro perseguido, explorado,  
É a verdade partilhada, praticada.

15 ‘Amigo’ é a solidão derrotada!  
‘Amigo’ é uma grande tarefa,  
Um trabalho sem fim,  
Um espaço sem fim,  
Um espaço útil, um tempo fértil,  
20 ‘Amigo’ vai ser, é já uma grande festa!

Alexandre O’Neill (1924-1986), *Poesias Completas*, Portugal.